

Dificuldades nas contas externas podem apressar processo de conversão

por **Ângela Bittencourt**
de São Paulo

O governo deverá apressar seus projetos de conversão da dívida externa em investimentos no País. Essa é a expectativa de banqueiros nacionais, estrangeiros e assessores da equipe econômica que vêem dificuldades sérias pela frente, para que o País feche suas contas externas neste ano sem a entrada de dinheiro novo.

Economistas ligados ao governo fazem e refazem seus cálculos e estimam que se o Brasil não trouxer dinheiro novo, o caminho será estender a moratória aos credores oficiais agrupados no Clube de Paris ou acelerar o processo de conversão da dívida.

Suspender o pagamento dos juros aos bancos oficiais teria consequências imprevisíveis, na opinião dos economistas, enquanto a conversão abriria uma nova porta de entendimento com os bancos privados que aceleram o aumento de suas reservas para se proteger de eventuais prejuízos com créditos soberanos. Em menos de duas semanas, dois grandes credores do Brasil tomaram essa decisão: o Citibank — que ampliou as reservas em US\$ 3 bilhões — e o Chase Manhattan — que ampliou suas reservas em US\$ 1,6 bilhão.

Os bancos estrangeiros, por conta própria, começam a elaborar propostas de conversão que poderão ser apresentadas e discutidas com autoridades brasileiras. No Brasil, o governo poderá fazer rapidamente uma projeção do crescimento industrial e procurar tomar a dianteira nesse processo de conversão dirigindo os recursos para grandes projetos industriais especialmente vinculados ao setor exportador.

Os bancos credores, contudo, estão mais aliviados com o processo detonado pelo Citibank de ampliar as reservas procurando pen-

sar menos nas projeções de seus próprios lucros. Como recorda o representante de um dos maiores credores privados do Brasil, durante muitos anos os bancos tentavam preservar em seus livros o lucro. O Citibank não se preocupou com o lucro e acabou se fortalecendo no contexto da negociação com o Brasil, até porque o comportamento de suas ações em Wall Street está estimulando outros bancos a também ampliar suas reservas, revelando expectativa de que os créditos com o Brasil efetivamente redundarão em prejuízos.

Um banqueiro brasileiro observa que a notícia, anunciada na semana passada, de que o saldo da balança comercial de 1986 foi maquiado — com as importações apresentando mais de US\$ 1 bilhão abaixo do que realmente deveriam estar registrado — só pesa contra a imagem do País no exterior. Com isso as dúvidas crescem quanto a qualquer número apresentado pelo governo. Seja de operações efetuadas, seja de estimativas que nem sempre são cumpridas.

O resultado dos últimos acontecimentos, na opinião desse banqueiro brasileiro, responsável pela administração de uma instituição com grande expressão internacional, é que os bancos estrangeiros realmente estão mais fortes.

Embora os bancos diminuam os lucros, aumentando as reservas, ao registrar uma dívida como perda, eles conseguem uma boa desculpa para adiar a concessão de novos empréstimos aos devedores, lembra o banqueiro. A desculpa é um item no estatuto do Federal Reserve (banco central norte-americano), que permite aos acionistas dos bancos entrar na Justiça com ação de perdas e danos, caso o banco decida emprestar mais dinheiro a devedores que já foram registrados na conta de prejuízos.